A FORMAÇÃO DO EDUCADOR PARA ATUAR COMO MEDIADOR CULTURAL

Lídice Romano de MOURA*

RESUMO: Esta pesquisa trata da investigação sobre a formação do educador mediador para atuar em espaços expositivos. Essa prática foi realizada na Universidade Santa Cecília entre 2005-2007. Faz parte da dissertação de mestrado: "Arte e Educação: uma experiência de formação de educadores mediadores" apresentada em 2007, no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista.

PALAVRAS-CHAVE: Formação; mediador; espaços expositivos.

FORMATION OF EDUCATOR TO ACT AS CULTURAL MEDIATOR

*Lídice Roman Moura **

ABSTRACT: This research deals with the research on teacher education mediator to work in exhibition spaces. This practice was held at Santa Cecilia University between 2005-2007. It is part of the dissertation: "Art and Education: an experience of teacher training mediators" presented in 2007 at the Art Institute of Universidade Estadual Paulista.

KEYWORDS: Training; mediator; exhibition spaces.

INTRODUÇÃO

Nesses quase trinta anos de vida profissional, pudemos ver as mudanças e conquistas realizadas dentro do campo do ensino da arte em contexto universitário. Dentre as mudanças mais significativas, podemos destacar, nos anos 80, o início de um movimento envolvendo o ensino da arte. Acreditamos que, inicialmente, a influência Paulo Freire se fez presente, pois voltava ao Brasil depois de um longo exílio fora do país. Essa influência não estava diretamente ligada à arte, mas à educação e à formação de professores.

Também a professora Ana Mae Barbosa, no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, enquanto diretora (1987-1993), propiciou uma valorização da arte voltada para a educação e a educação em museus, quando trouxe ao Brasil diversos educadores estrangeiros com diferentes abordagens voltadas ao ensino da arte. É dessa época o primeiro curso de especialização em Arte-Educação em Museu elaborado pelas professoras Elza Ajzenberg e Ana Mae Barbosa. Daí para frente, seminários, encontros e congressos deram um impulso caminhando no sentido da valorização do ensino da arte.

Recentemente, acreditamos que o último ganho significativo seja a divisão dos cursos por áreas; Artes Visuais; Artes Cênicas; Dança e Música, após mudanças estabelecidas pelas Diretrizes Curriculares e a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Essa divisão, que sem dúvida é muito mais coerente e definidora de conteúdos que no passado, é propiciadora de novas abordagens e conteúdos que, inseridos no contexto universitário, poderão instrumentalizar de forma mais efetiva os futuros educadores.

Mas ainda estamos vivendo um processo de mudança que gera muitos equívocos, pois embora os cursos de Artes em todo o país estejam se atualizando, os concursos

*Lídice Romano de Moura - Mestre em Artes pela UNESP.

públicos ainda têm um olhar polivalente.

Que ressonâncias dessa situação podemos perceber na formação de nossos alunos?

O que nós, enquanto professores universitários que sabemos dos problemas causados por essas modificações e também equívocos, podemos fazer?

Como formar esse profissional? Que conteúdos podem ser abordados, levando em conta que é um curso de graduação e tem uma carga horária reduzida, como a maioria dos cursos de licenciatura em artes com apenas três anos?

São objetivos das licenciaturas prepararem adequadamente o Arte-Educador para atuar com eficiência no ensino da arte em níveis ajustáveis às especificidades culturais de cada região do país, atendendo aos objetivos específicos de cada grau das disciplinas e áreas de estudo ou atividades.

Mas quais os motivos que nos levaram à proposição dessa nova atividade inserida no curso de Educação Artística, atual Artes Visuais?

Desde que os cursos de Educação Artística foram elaborados, e pensando principalmente que têm apenas três anos, consideramos ainda existente uma deficiência em sua matriz curricular no sentido do não aprofundamento de alguns conteúdos que poderiam ser melhor explorados.

Em virtude disso, preocupamo-nos constantemente em fornecer subsídios maiores do que o curso oferece, tentando viabilizar estágios, atividades e vivências para o aumento de bagagem cultural que entendemos que o educador deva ter. Dessa forma, nasceram o projeto da Galeria como local de ensino e aprendizagem e a inclusão da atividade e, posteriormente, disciplina Mediação Arte/Público.

Gostaríamos de destacar ainda a diferença entre a formação do educador para atuar em uma instituição cultural e a formação feita em um curso universitário.

As instituições preparam de forma muito diferente, pois dependem de outros fatores como liberação de verbas, profissional para formar os educadores, seleção dos educadores para fazer a preparação e, posteriormente, selecioná-los, entre outros aspectos.

Essa preparação feita em instituição cultural geralmente dura entre duas ou três semanas e muitas vezes às vésperas da abertura da exposição. Dadas as diferenças, também há casos de educadores que trabalham de forma permanente em instituições e museus, e nessas situações a formação se completa na prática diária e também com o auxilio do setor educativo e a coordenação da instituição.

Mas é do educador formado em universidade que iremos falar.

Como articular um conteúdo que possa contribuir para a construção de um repertório mais consistente e a experimentação de novas práticas nesse futuro educador?

A presença da disciplina Mediação Arte/Público no curso de Artes Visuais da Universidade Santa Cecília se estende para além dos moldes de uma disciplina com conteúdo específico, propondo uma inserção de conteúdo de formação cultural que proponha experiências que contribuam para romper o olhar tradicional.

Ao iniciar essa atividade/disciplina, nossa proposta foi a de promover encontros com obras originais como forma de ampliar o repertório dos alunos. Pensamos que na formação do arte-educador não cabe somente o ensino das disciplinas tradicionais, mas uma educação estética de fato**,** trabalhando atitudes analíticas que ultrapassem o senso comum, em forma de proposta que envolva um conjunto de vivências e experiências de natureza diversa da de um curso de educação acadêmica. Dessa forma, abrem-se possibilidades de outros modos de conhecer, para poder qualificar intuição, cognição e

*Lídice Romano de Moura - Mestre em Artes pela UNESP.

sensibilidade como espaço para experiências de fruição e produção em diferentes linguagens estéticas e poéticas visuais.

Refletindo em como realizar esses encontros que depois se tornaria uma disciplina, tentamos perceber quais os principais aspectos de formação que deveriam ser trabalhados, objetivando desenvolver nos educandos algumas qualidades que consideramos importantes ao educador mediador.

Seguiu-se uma sequência de exercícios e proposições que objetivaram um desenvolvimento da capacidade de observação, apreensão, discussão e elaboração de reflexões, abrindo possibilidade para o desenvolvimento de atitude investigativa; saber ouvir o outro; estar aberto a experiências novas, procurando não ter preconceitos, levando-os a praticar sistematicamente a reflexão sobre os assuntos discutidos.

O primeiro grupo de alunos, no início de 2005, ainda como atividade eletiva, foi realmente o maior e mais participativo, portanto quase todas as referências analisadas são desse grupo. Com cerca de vinte alunos, nos reuníamos quase sempre no Espaço Cultural da Universidade (e também sala de aula) para debatermos questões relativas ao campo da arte. Somente esse primeiro grupo conseguiu realizar recepção no Espaço Cultural.

Os grupos posteriores sofreram pequenos ajustes de conteúdo em virtude de serem grupos menores. Como disciplina inserida no 6º. semestre do curso, embora tivesse um grupo de alunos mais experientes e maduros, a dificuldade encontrada foi a de que eles desenvolvem o Trabalho de Conclusão de Curso durante esse último ano e, portanto não havia um grande número de alunos frequentando a disciplina. A partir dessas questões e colocadas as dificuldades, a coordenação decidiu mudar a disciplina para o 2º. semestre do Curso juntamente quando ocorreu a mudança para Licenciatura em Artes Visuais em 2007.

Se, em um primeiro momento, as escolhas feitas por nós foram intuitivas, apenas visando uma melhor preparação do educador, em seguida fomos nos organizando de forma a elaborar um roteiro flexível dentro das 34 horas disponíveis para a disciplina. Como fundamentação dessas ações, utilizamos textos dos autores: Alberto Manguel (2000), Arnaldo Pedroso D'Horta (2000), Cristina Costa (2004), João Francisco Duarte Jr. (1988, 2003), Ana Mae Barbosa (1998, 2001), Willian Ott (2001), Grupo de Estudos em Curadoria/MAM (1998) Grupo de Estudos em Mediação/UNESP (2005), entre outros.

RELATANDO UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO

As ações foram pensadas levando em conta que teríamos cerca de quatorze encontros. Procurando uma maneira de desenvolver nossa atuação junto aos alunos, encontramos em Fernando Hernandez (2000) e em Robert Willian Ott (2001) uma forma de trabalho que se relaciona e este projeto de maneira muito próxima.

Com o primeiro grupo, que serviu de referência para o desenvolvimento das ações com os outros, pudemos registrar uma série de questionamentos que surgiram após as leituras e discussões sobre os textos apresentados e que nos fizeram refletir sobre esse processo de formação. Estes foram os principais:

- *É possível para o artista contemporâneo viver e trabalhar sem se relacionar a uma rede de conexões onde estão os produtores de arte, os curadores, os marchands, e também conceitos de curadoria, estética contemporânea etc?*
- *Qual a importância de uma academia hoje?*
- *Que tipo de formação poderá realmente dar subsídios para formar o artista?*
- *É possível apreciar uma obra de arte sem qualquer tipo de informação?*

*Lídice Romano de Moura - Mestre em Artes pela UNESP.

- *É possível, para uma pessoa, passar por uma experiência estética sem ter o hábito de frequentar exposições?*
- *Uma obra original pode transmitir as mesmas sensações que uma reprodução?*
- *Para entendermos melhor, é preciso sempre contextualizar a obra em sua época?*
- *Quanto a bagagem pessoal pode afetar a fruição de uma obra de arte?*
- *A disposição das obras em uma exposição interfere na percepção do fruidor?*
- *A forma como é montada uma exposição é a forma com que o curador quer dirigir o olhar do público?*

Foram questionamentos que partiram desses alunos e que ganharam dimensão nas discussões, fazendo-nos perceber que havíamos alcançado alguns dos objetivos aos quais havíamos nos proposto. Nosso objetivo maior ao final dessa atuação com cada grupo era definitivamente fazê-los perceber e vivenciar momentos que, articulados às outras disciplinas, levariam esses estudantes a concretizar uma educação estética.

O artigo de Robert Willian Ott (2001) foi decisivo em nossas escolhas porque pensar em espaço expositivo como possibilidade de aprendizado e construção de conhecimento interfere diretamente no tipo de atuação do professor e define o ensino centrado no objeto como instrumento para o "ver". O autor considera o ensino centrado no objeto como um componente essencial para a arte-educação. Segundo ele, é essa ação que possibilita a descoberta de que arte é conhecimento. Nessa relação podem ser estabelecidos vínculos propícios para o aprendizado, pois o "fazer" associado ao "ver" provoca no aluno uma atuação ativa e não passiva em relação à arte.

Por ser uma forma de trabalho que permite uma apreciação gradativa de obra de arte, aproximamo-nos bastante do sistema *Image Watching* como referência para as atividades desenvolvidas. O processo propõe que se desenvolva, além da sensibilização, a apreciação oral e escrita para a formação de hábito do estudante. É um procedimento didático e divide-se em cincos estágios: *descrevendo, analisando, interpretando, fundamentando e revelando.* Propõe a integração do pensamento crítico a respeito das obras de arte com a os conceitos assimilados voltados para a produção em sala de aula.

Levando em conta a abordagem desse sistema, solicitamos que das imagens apresentadas (reproduções) eles descrevessem apenas. Informações técnicas, matérias, formato, época em que a obra fora criada, e que não era necessário entrar na questão da expressão. Apesar de ser um simples exercício, tiveram alguma dificuldade, porque ainda não estava claro para eles o que é somente descrever. A confusão foi grande no sentido de querer falar sobre a expressão e também fazer tentativas de "descobrir" o que o artista estava querendo dizer com a obra.

Para estimular, desafiar, propor e possibilitar situações de aprendizagem auxiliando esses alunos na construção do conhecimento, trabalhamos sempre em grupo por ser estimulador de discussões, permitindo muitas trocas de ideias e experiências. A escuta do outro (colegas) e também ouvir a fala do artista foi um dos pontos em que nos apoiamos fazendo os alunos perceberem que essa atitude é confrontadora de opiniões que muitas vezes são pré-concebidas.

O medo de expor opiniões aos poucos foi se afastando, permitindo que timidamente um ou outro fosse se manifestando. Em vários depoimentos, podemos ver o resultado dessa ação:

*Lídice Romano de Moura - Mestre em Artes pela UNESP.

"*A troca de informações e experiências são sempre muito proveitosas, ampliam o conhecimento e surgem reflexões interessantes sobre os temas abordados*" (Laura, 50 anos).

"*Percebi que as diferentes opiniões fizeram com que eu refletisse melhor sobre outros aspectos antes despercebidos. Aprendi a ver a arte com maior profundidade; a perceber a importância de entender sobre como se portar em uma exposição, de entender o seu funcionamento e tudo o que diz respeito à mesma*" (Denise, 26 anos).

"*É um processo que acho de grande importância ouvir outras opiniões sobre o mesmo tema ou obra. Poder ouvir várias opiniões sobre um mesmo assunto é algo enriquecedor. Perceber que outra pessoa possui uma ideia diferente, ou até mesmo igual a sua. E muitas vezes o outro conseguir perceber coisas que você não teria percebido. E com isso pode construir um pensamento coletivo*" (Rodrigo, 27 anos).

O pensamento reflexivo nasce e cresce em situações como esta, possibilitada pelo envolvimento entre os integrantes do grupo.

Outra ação que possibilitou muitas reflexões nos alunos foi escrever sobre vários assuntos como interpretar uma obra, emitir opinião sobre alguns textos, fazer uma avaliação sobre algumas exposições, entre outras coisas. A elaboração da escrita obrigava-os a pensar enquanto escreviam. Ao escreverem, pensavam no conteúdo e na melhor forma de dizê-lo.

Ler os textos em conjunto possibilitou uma experiência comum compartilhada abrindo-se nesse momento um espaço para reflexão sobre o conteúdo lido. Trechos com um ou dois parágrafos, pausa para discussão e confronto de opiniões, que no início para alguns alunos foi um pouco constrangedor, mas que aos poucos se tornou uma prática comum após alguns encontros.

Nossa postura, ao nos colocarmos em situação de igualdade ao distribuir as cadeiras em círculo na classe ou na Galeria como participante, sem ter a postura de professor "transmissor de conhecimentos", colocou-nos em posição de igualdade de quem também está aprendendo. A construção de significados coletivos compartilhada entre todos gerou também mudanças nos comportamentos desses alunos. Poder falar proximamente com o professor é uma situação (ainda) pouco comum em sala de aula, e isso gerou maior confiança e também respeito ao perceberem uma situação diferente de mediação. A ideia de professor mediador que interage de forma próxima aos seus alunos, compartilhando experiências, em nossa opinião, favorece situações de aprendizagem de forma mais efetiva.

A ação de levar materiais, suportes e ferramentas para conhecimento dos alunos pode parecer uma prática pouco interessante, pois eles estão frequentando um curso de Arte. Mas considerando que grande parte deles frequentava o 1º. ano, consideramos importante saber reconhecer procedimentos e materialidade. Para isso, levamos nosso pequeno acervo com esculturas, gravuras e pinturas. Também convidamos o professor de escultura e a professora de gravura para explicar algumas questões e modalidades que nem sempre estão inseridas no curso por questões de tempo. Nesse encontro foi possível discutir questões onde os professores puderam ajudar enquanto artistas profissionais que são. Ao responderem curiosidades da vida profissional, os professores mostraram outro aspecto desconhecido aos alunos, criando um debate e desfazendo algumas ideias pré-concebidas, como por exemplo, a "inspiração" do artista, o processo criativo.

Pensamos que os alunos iniciantes têm uma imagem um tanto romântica do artista, achando que quando o artista cria, a inspiração surge como uma graça. Ao término desse

*Lídice Romano de Moura - Mestre em Artes pela UNESP.

encontro, a ideia foi esclarecida com a informação dos professores sugerindo a anotação de ideias para futuros trabalhos em um caderno para auxiliar no processo criativo.

Dentro das ações pensadas para essa formação também estavam visitas a espaços culturais. Pudemos visitar em horário alternativo como sábado ou domingo a Pinacoteca Benedito Calixto em Santos e a Pinacoteca do Estado em São Paulo.

Acreditamos que, sem acesso aos espaços culturais, é difícil adquirir o hábito ou desenvolver atitudes em relação à cultura. A formação do olhar pode ser trabalhada e ampliada só com o desenvolvimento desse hábito que por si só é gerador de inúmeros desdobramentos. O exercício do olhar, segundo Dewey (1974), é um aprendizado gradativo que ocorre se o exercitamos. Aprende-se a ver, vendo.

Porcher (1982) também fala da questão da familiaridade com a obra e questiona se é possível formar uma sensibilidade estética. Ele considera as visitas às exposições como uma das ações mais importantes para fazer aflorar a sensibilidade. O contato direto com as obras e a frequência regular são apontados por ele como o caminho mais efetivo para o acesso às obras de arte.

Além da questão do aprendizado do olhar, vários alunos perceberam mudanças em seu processo criativo. O aumento do repertório cultural ao visitar exposições de indiscutível valor artístico, quando visitamos museus, é um estimulador de vários outros aspectos estéticos.

Consideramos importante para o estudante poder comparar a sua realidade e experiência do local, o contexto onde habita, com outras realidades, para tornar-se sabedor de diferentes valores. As características de cada região ou país pode fazê-lo ver as limitações, mas também as possibilidades de como a arte em cada local foi desenvolvida.

Chegamos ao aspecto prático de todo o processo, mas nem todos os alunos participam, pois essa aula é opcional. No período em que nos reunimos, tivemos a oportunidade de praticar a observação com obras originais e também com reproduções, pois nem sempre havia uma nova exposição para ser vista e quando isso ocorria, utilizamos algumas reproduções para exercício de observação de obra. Conseguimos passar por diversas etapas do sistema *Image Watching*, mas poucas vezes pudemos exercitar a última fase que seria *Revelando*, ou a produção. Por questões de tempo, essa ação só foi possível ser realizada em outro dia e horário, quando pudemos apresentar para eles alguns artistas.

Essas aulas foram outra forma encontrada para ampliar as conexões entre o artista e as obras. É uma atividade eletiva oferecida pelo Curso, que são as aulas de ateliê realizadas aos sábados, apresentando um artista e referências sobre o mesmo. Procuramos elaborar um pequeno texto com dois pontos de vista: o do artista e o do crítico ou historiador. Após lermos juntos e mostrarmos imagens de livro referente ao artista, a proposta foi realizar um trabalho de observação tomando o artista apresentado como referência artística para a forma de pintar. Não é uma cópia nem releitura, pois os modelos são muito diferentes. Somente as características da pintura, as cores, devem se aproximar do modo de pintar do artista. É uma proposta para se aproximar ou "entender" melhor o artista e sua poética singular.

Essa talvez tenha sido a situação onde pudemos perceber maior interesse e concentração no comportamento deles, pois puderam experimentar, após o debate, uma reelaboração do trabalho do referido artista, expressando-se com guache em papel para desenho.

Ott (2001) afirma ser esse o momento de relacionar a prática do ateliê com o conhecimento adquirido nas exposições. Ele coloca como elemento-chave a prática somada

*Lídice Romano de Moura - Mestre em Artes pela UNESP.

à experiência de desenvolver a crítica, a opinião. Esse momento propicia a oportunidade de aprofundamento provocada pelo apreciar a obra e também pela verbalização do aluno que tem o poder de ampliar seu vocabulário, ajudando-o organizar sua percepção.

Prosseguindo com as propostas, entramos agora em num outro terreno, que é o da curadoria. Como forma de entender e experimentar a tarefa de um curador, propusemos um exercício com a intenção de fazê-los perceber o quando a questão das escolhas pode interferir na leitura de uma exposição ou mesmo das obras. A classe foi separada em grupos de cinco ou seis alunos e cada grupo recebeu uma quantidade de dez imagens diversas (obras, fotografias, imagens de revista) para que pudessem elaborar uma mostra seguindo critérios definidos pelo próprio grupo. Após essa etapa, cada grupo teve a oportunidade de mostrar sua coleção de imagens e os outros grupos deveriam tentar perceber quais critérios foram utilizados, criando muita discussão até que, finalmente, o próprio grupo esclarecia o conceito abordado.

Nesse exercício, ficou claro para os alunos que a curadoria sempre trabalha com critérios estabelecidos, procurando mostrar ao público visitante um conceito que deve permear a exposição. Também pudemos discutir a curadoria feita pelos professores, pois ao escolher imagens para trabalhar em sala de aula, o professor também faz uma curadoria, tendo uma preocupação essencialmente didática.

A curadoria educativa como um dos temas pesquisados pelo Grupo de Pesquisa em Mediação Arte/Público/Cultura da Unesp, coordenado pela professora Mirian Celeste e do qual fizemos parte, nos ofereceu algumas considerações sobre esse assunto no glossário da publicação: Mediação: Provocações estéticas (2005, p.125) :

O termo é utilizado por Luiz Guilherme Vergara em seu trabalho frente ao Museu de Arte Moderna de Niterói, RJ, e no Centro de Arte Hélio Oiticica.

Conforme o glossário:

Essa ação não implica apenas em escolha de imagens que se apresentam aos alunos, mas o trabalho de seleção que lida com ênfases e exclusões, de combinação e recorte. Envolve também a questão da interpretação do educador, não como armadilha para resposta de questões, mas como proposição de um processo instigante de descobertas e estranhamentos.

O "Bate Papo com o artista" foi outra ação realizada com artistas expositores ou não, que se mostrou extremamente motivadora, pois ouvir o artista, poder questionar, fazer perguntas, perceber o processo criativo dos convidados tornou-se uma descoberta que conseguiu atrair não só os alunos, mas também outras pessoas, inclusive professores de outros cursos. Sempre que possível, os encontros foram no Espaço Cultural que, embora pequeno para conter a exposição, além de cadeiras para os alunos e convidados, pode cumprir perfeitamente sua função de proporcionar ao público um pouco mais de conhecimento.

Nas considerações dos alunos, podemos observar o quanto essa ação foi significativa. No questionário respondido ao final da atividade com o primeiro grupo, foi perguntado a importância de ouvir a fala do artista:

"*Gostei demais. Muitíssimo. É encher a alma da cultura pessoal de cada artista e então olhar as suas obras de maneira mais completa*" (Eliana, 45 anos).

"*Ele fala de suas motivações, curiosidades, técnica, as fases de sua vida e até de seus espaços 'em branco', comum a muitos artistas*" (Elizabeth, 34 anos).

"*Extremamente importante, pelo fato de poder saber como determinado artista chegou a desenvolver seu trabalho, a história de cada obra, a técnica utilizada, sua história de vida a fim de compreendermos melhor sua visão sobre a arte*" (Laura, 50 anos).

*Lídice Romano de Moura - Mestre em Artes pela UNESP.

"*É como se tivéssemos uma retrospectiva do processo de geração das obras que estamos admirando naquele momento. A fala dos artistas é a descrição da gestação do seu trabalho*" (Paula, 42 anos).

"*Proporciona aos alunos um universo de diferentes olhares – nos mais diversificados estilos e formas de arte como vimos neste semestre na Galeria: fotografia artística/jornalística, ilustrações, desenhos para historias em quadrinhos, pinturas, colagem, gravuras, esculturas... e nos mostram suas historias de vida e crescimento profissional nos motivando*!" (Luiz, 29 anos).

Os objetos propositores são objetos criados por artistas ou educadores que desejam uma interação com o público. Conforme Martins (2005, p.128), "o autor da obra deixa de ser o foco principal para dar lugar à experiência da obra".

A proposta seguinte consistiu em construir um material para mediação. Nos primeiros grupos, não houve tempo hábil para que chegássemos a confeccionar esse material. Somente com o grupo de 2007, pudemos solicitar como trabalho para avaliação bimestral, a escolha de um artista e a confecção de material que auxiliasse na mediação da obra do artista escolhido. Levamos materiais recebidos nos cursos do Centro Cultural Banco do Brasil, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Arte BR, e alguns cedidos por nossa orientadora, como os da exposição *Parade*, Arte Russa, Brasil + 500, Mostra do Redescobrimento. Alguns desses materiais são para professores e outros "jogos" para auxiliar na mediação. Essa ação serviu para que eles tivessem ideia de como pode ser realizado um material de mediação como forma de aproximar público e obra.

A classe foi separada em grupos e cada qual escolheu um artista plástico tendo como indicação de nossa parte que, preferencialmente, deveria ser do período modernista até a atualidade.

O objetivo ao propor a confecção desse material foi uma forma que encontramos para fazê-los lidar com a arte moderna e contemporânea. Ao elaborar esse material, o grupo deveria focalizar a idade a que esse instrumento se destinava, a função dele, se seria um jogo ou apenas um material para aproximar público e obra.

O desafio provocado pelo jogo também os fez refletir. A estratégia de conceber um jogo/material para mediação foi estimulante, pois o aspecto lúdico é um elemento facilitador desse processo. Entender as várias facetas da mediação tornou-se para eles uma prática prazerosa e provocadora de reflexões.

Complementando as informações, levamos resumos sobre as abordagens e sistemas de aproximação com a obra em textos dos autores: Ana Mae Barbosa (1998, 2000) sobre a Abordagem Triangular, Willian Ott (2001) sobre *"Image Watching*" e compreensão estética a partir de Michael Parsons (1992) e Abigail Housen (1983). Os textos apresentados foram bastante reduzidos, apenas apresentando ideia e forma de trabalho a que cada autor se refere. Para melhor entendimento desses conteúdos, lemos, discutimos e enfatizamos que são sistemas diferentes e, como eles, há outros estudos. Destacamos que não há uma maneira melhor que outra, nem uma mais correta que outra; apenas devemos conhecer vários métodos para poder escolher e adaptar a cada situação que possa se apresentar, ou para inventar a partir deles outras ações pedagógicas.

Finalmente, chegamos ao exercício prático de recepção, lembrando que poucos alunos puderam participar, pois foram feitos fora do horário das aulas.

Os exemplos de experiência realizada na exposição da professora Márcia Santtos, em junho de 2005, e da professora Simone Marie, em setembro de 2005, podem ser apontadas como experiências completas, pois nesses casos pudemos adotar a abordagem

*Lídice Romano de Moura - Mestre em Artes pela UNESP.

triangular, conseguindo cumprir todas as fases até a oficina.

Foi possível organizar a visita com a presença de cinco alunas, além de nossa presença e também da artista plástica. Em um momento anterior à visitação, houve uma entrevista com a professora e o pedido de seu currículo e catálogos para estudo de sua obra. A exposição consistiu em uma mostra de gravuras.

Após a primeira fase de estudo e entrevista com a artista, houve a preparação do roteiro, lembrando que a recepção seria feita com crianças entre cinco e seis anos de idade. As alunas que estavam encarregadas da recepção escolheram um roteiro levando em consideração a idade dos visitantes e obras que causariam maior impacto nas crianças. Eram imagens de crianças, brinquedos e alguns retratos. Também foram discutidos conceitos de gravura, pois, na oficina prevista, as crianças fariam gravuras tendo o isopor como matriz.

Na segunda experiência, as mesmas alunas puderam mediar a exposição de desenhos da professora Simone Marie, entre os próprios colegas do 1º. e 2º. anos. Após a visita, foi feito um relatório das alunas participantes.

Passar pela experiência durante o semestre possibilitou aos alunos articular conhecimentos adquiridos de forma viva e dinâmica, muito diferente do que acontece habitualmente em sala de aula. Alguns deles tiveram a oportunidade de estagiar também em outros locais, além do Espaço Cultural Unisanta, como o Serviço Social do Comércio-SESC, a Bienal de Santos, a Pinacoteca Benedito Calixto, o XVII Salão de Artes Plásticas da Praia Grande e a Galeria do Centro Cultural Brasil Estados Unidos em Santos.

ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA FORMAÇÃO DO MEDIADOR CULTURAL NA UNIVERSIDADE SANTA CECÍLIA

É preciso ressaltar que esta foi uma vivência e um exercício que não consistiu em dar respostas, mas problematizar. Em cada grupo com que pudemos estar em contato, agimos de forma um tanto diferente, pois cada grupo tem as suas próprias características. Essa prática não é uma metodologia que pode ser empregada de forma idêntica a todos os grupos de alunos. É justamente na diversidade que encontramos respostas diferentes para somar experiências.

Com a finalização do conteúdo, pudemos destacar quais os principais aspectos trabalhados para que houvesse uma síntese do sistema vivenciado por nós e pelos alunos. Por não ser uma metodologia para mediação, e sim um projeto em desenvolvimento, não podemos aqui ter uma atitude redutora, tentando mostrar caminhos na forma de um programa fixo. Apenas elencamos as atividades como situações de aprendizagem que pode mostrar caminhos possíveis, mas não único.

- Apresentação de vários conceitos através de glossário.
- Apresentação de materiais artísticos para manuseio e conhecimento.
- Leitura de textos críticos para discussão.
- Análise escrita e verbal de obras, textos e exposições.
- Visitas a espaços expositivos.
- Aula prática em ateliê.
- Exercício de curadoria.
- “Bate Papo” com o artista.
- Construção de material para mediação.
- Experiência prática em recepção.

*Lídice Romano de Moura - Mestre em Artes pela UNESP.

Ao pensarmos esse espaço de aprendizado como possibilidade de construção de conhecimento, não imaginamos que teríamos um resultado tão surpreendente. Ao nos depararmos com alguns alunos que hoje desenvolvem ações educativas com mais qualidade, sentimos que colaboramos um pouquinho para a ampliação de seu conhecimento. Perceber que o comportamento de alguns alunos mudou; que seu olhar está mais aguçado e que hoje se propõe a escutar o outro e que essa ação o fará crescer, foi uma experiência gratificante.

Pensando na experiência, podemos perceber que é um conjunto de procedimentos e atitudes do aluno que podem desvelar novas oportunidades de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos esta pesquisa, procurávamos perceber como era feita a formação do educador que atua em espaços expositivos para poder desenvolver com nossos alunos um programa prático de formação que pudesse instrumentalizá-los. Ao final de quase dois anos, pudemos concluir algumas considerações e outras surgiram. A experiência vivenciada os tornou mais abertos e receptivos, qualidade importantíssima para a formação do futuro profissional. A reflexão foi um dos pontos fortes em que nos apoiamos, levando-os a valorizar o papel desse profissional. Nossa atuação junto a esses grupos de alunos da Universidade Santa Cecília possibilitou uma mudança de comportamento nos mesmos, que podemos chamar de educação estética, mais que propriamente a formação de profissionais para atuarem em espaços expositivos, que era a ideia primeira do projeto.

De um lado, a falta de conhecimento prévio sobre arte, de quem chega à universidade, somado à falta de leitura e também à falta de hábito de frequentar museus e galerias, levou-nos a ter de introduzir noções muito básicas sobre arte.

De outro lado, a curiosidade e a vontade de aprender desses alunos possibilitaram que houvesse mudança em seus comportamentos, levando-os a assimilarem aspectos importantes da arte contemporânea.

Ficou claro, para a maioria desses alunos, que no processo de mediação é importantíssimo saber ouvir o outro (colegas, alunos ou quem está visitando uma exposição) e que a procura do conhecimento poderá levá-lo a outros níveis de compreensão e reflexão.

A inclusão dessa ação na matriz curricular do Curso de Artes Visuais no segundo semestre foi consequência de todo o percurso pelo qual passamos. A coordenação do Curso entendeu que a Mediação Arte/Público tornara-se uma prática importantíssima para o futuro educador.

As tendências contemporâneas de ensino e aprendizagem apontam para a formação continuada e consideramos importante que no curso de graduação o aluno entenda que deve continuar sua formação ao longo de sua vida profissional. A vontade de aprender despertada por essa atividade convidou-os a procurar outros cursos e referências, como a pós-graduação e o mestrado, como forma de dar continuidade à sua formação.

Dessa maneira, a experiência mostrou-se extremamente válida, expandindo horizontes, provocando mudanças, transformando parte desses educandos em agentes multiplicadores de ações educativas seja onde estiverem trabalhando ou estagiando: museu, espaço cultural, sala de aula, Ongs, enfim, pois mudou, nesses alunos, a forma de olhar para a arte.

Uma das funções da arte voltada para a educação é fazer mediação entre arte e público. Facilitar essa ação tornando-a acessível aos alunos transformou-se em uma

*Lídice Romano de Moura - Mestre em Artes pela UNESP.

contribuição valiosa para amenizar a ideia de difícil acesso à arte e principalmente à arte contemporânea.

Poder mostrar que a arte não está isolada de nosso cotidiano, de nossa história de vida e poder auxiliar esses alunos a perceberem o papel cultural e educativo da arte é uma contribuição almejada pelos cursos de Artes. Nesse caso, acreditamos que a experiência realizada na Universidade Santa Cecília possibilitou que subíssemos mais um degrau em direção ao fortalecimento de conteúdos e procedimentos tendo em conta uma formação mais abrangente e reflexiva, tornando possível uma melhor atuação nesses futuros educadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae: *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

_____ (org.) *Arte-Educação: Leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____ (org.) *Inquietações e mudanças no ensino da arte.* São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *John Dewey e o ensino da arte no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. *O amor pela Arte. Os museus de arte na Europa e seu público*. Tradução de Guilherme J.F. Teixeira. São Paulo: EDUSP: Zouk, 2003.

CAUQUELIN, Anne. *Arte Contemporânea: uma introdução*. Tradução de Rejane Janowitzer, São Paulo: Martins Fontes, 2005

CHIARELLI, Tadeu (coord.) *Grupo de Estudos sobre Curadoria*. Museu de Arte Moderna de São Paulo: São Paulo, 1998.

COLI, Jorge. *O que é Arte*. São Paulo: Brasiliense, 1995 (15ª ed.)

COSTA, Cristina. *Questões de Arte*. São Paulo: Moderna, 2004 (2ª ed. revista)

COUTINHO, Rejane. *Strategies for cultural mediation guidelines for implanting the practice.* International InSea Congress, 2006. (texto não publicado)

CURI, Marilia Xavier. *Exposição. Concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.

DEWEY, John. *A Arte como experiência*. São Paulo: Abril Cultural, 1974 (Os Pensadores).

D'HORTA, Vera. (org.) *O Olho da Consciência*. Arnaldo Pedroso D'Horta. São Paulo: Edusp, 2000.

DUARTE JR, João Francisco. *Fundamentos estéticos da educação*. Campinas, SP: Papirus, 1988

_____. *O que é beleza*. São Paulo: Brasiliense, 1991 (3ª ed.)

FERRAZ, Maria Heloisa; FUSARI, Maria Rezende e. *Arte na Educação Escolar*. São Paulo: Cortez, 2001 (2ª edição)

_____. *Metodologia do ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 1993

FRANZ, Terezinha. *Educação para a compreensão da arte*. Museu Victor Meirelles. Florianópolis, SC: Insular, 2001

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Lisbeth R., *Entre Cenografias: O Museu e a Exposição de Arte no Século* XX. São Paulo: EDUSP, 2004

GRINSPUM, Denise. *Discussão para uma proposta de política educacional da divisão de ação educativo-cultural do Museu Lasar Segall*. São Paulo: USP, 1991 (Dissertação de Mestrado).

_____. *Educação para o Patrimônio: Museu de Arte e Escola*. São Paulo: USP, Faculdade

*Lídice Romano de Moura - Mestre em Artes pela UNESP.

de Educação, 2000 (Tese de Doutorado)
HERNANDEZ, Fernando. *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
HOUSEN, Abigail. *The eye of the beholder: Measuring the Aesthetic Development of Museums and School*. (tese de doutorado em educação), Universidade de Harvard, 1983.
LEITE, M. Isabel; OSTETTO, Luciana (org.) *Museu, Educação e Cultura, encontros de crianças e professores com a Arte*. Campinas, SP: Papirus, 2005.
MARTINS, Mirian Celeste Dias. Arte. (org.) *Curadoria Educativa: Inventando conversas*. Revista no 01, vol. 14 da Universidade de Santa Cruz do Sul, RS. 2006.
_____; PICOSQUE, Giza; GUERRA, M. Terezinha. *Didática do ensino da arte*. *A Língua do mundo. Poetizar, fruir e conhecer arte.* São Paulo: FTD, 1998.
_____. Mediação: *Tecendo encontros sensíveis com a arte*. São Paulo: ARTEunesp, vol. 13, 1997, 221-234
_____ (org.) *Mediação: Provocações estéticas*. São Paulo: UNESP, 2005.
MORAIS, Frederico. *Panorama das Artes Plásticas Séculos XIX e XX*. Itaú Cultural: São Paulo, 1989.
OTT, Robert Wilson. Ensinando crítica nos museus. In: BARBOSA, Ana Mae. *Arte-Educação Leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 1997.
PARSONS, Michael. *Compreender a arte*. Lisboa: Presença, 1992.
PILLAR, Analice. (org.) *A Educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre, RS: Mediação, 1999.
PORCHER, Louis. *Educação Artística: luxo ou necessidade?* São Paulo: Summus, 1973.
RIZZI, Maria Christina. *Olho vivo. Arte-Educação na exposição Labirinto da Moda uma aventura infantil*. São Paulo: USP. Escola de Comunicações e Arte, 1999. (Tese de Doutorado).
ROSSI, Maria Helena W. *Imagens que falam: leitura de arte a escola*. Porto Alegre, RS: Mediação, 2003.
SCHÖN, Donald. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000.
SUANO, Marlene. *O que é Museu*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
VERGARA, Luis Guilherme. *Curadorias educativas A consciência do olhar: percepção imaginativa-perspectiva fenomenológica aplicada à experiência estética*. Artigo extraído do site www.arte.unb.br/anpap/vergara.htm. 1996. Acesso em 11/2006.

***Lídice Romano de Moura** - Mestre em Artes pela UNESP. É coordenadora do Curso de Licenciatura em Artes Visuais na UNISANTA e professora tutora no Curso de Licenciatura em Artes Visuais a distancia na UNIMES. É arte-educadora e artista plástica.